

INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA INTERMODAL: SOBREPOSIÇÃO, PERFORMANCE CORPORAL-VISUAL E DIRECIONALIDADE INVERSA

INTERMODAL SIMULTANEOUS INTERPRETING: CODE-BLENDING, BODY-VISUAL PERFORMANCE AND INVERSE DIRECTIONALITY

Carlos Henrique Rodrigues
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

RESUMO: Tomando como ponto de partida o fato de termos pelo menos duas modalidades de língua: uma vocal-auditiva e outra gestual-visual, fazemos uma breve apresentação da diferença de modalidade entre línguas orais e de sinais e dos efeitos de modalidade sobre as línguas de sinais. Em continuidade, tecemos uma reflexão sobre as implicações da modalidade gestual-visual para os processos tradutórios e interpretativos denominados intermodais. Então, abordamos os efeitos da modalidade de língua em relação à interpretação simultânea intermodal da língua oral para a de sinais a partir (i) da sobreposição de línguas (*code-blending*), (ii) da *performance* corporal-visual requerida do profissional e (iii) da preponderância da direcionalidade inversa (da L1 para a L2/ de A para B). Concluimos que, por transitarem entre duas modalidades de língua, a formação de tradutores e de intérpretes intermodais precisa abordar questões inerentes à modalidade gestual-visual e seus efeitos sobre a língua e, conseqüentemente, sobre os processos tradutórios e interpretativos.

PALAVRAS-CHAVE: Interpretação; Modalidade; Intermodal; Língua de Sinais; Gestual-visual

ABSTRACT: Considering the existence of at least two language modalities – an auditory-vocal one and a visual-gestural one – we make a brief presentation of the difference between spoken and signed languages and the effects of modality on sign languages. Later, we reflect on the implications of the visual-gestural modality on the translation and interpreting processes, named as intermodal. Then, we approach the modality effects on the intermodal simultaneous interpreting from spoken language into signed language based on (i) the use of

code-blending, (ii) the necessary body-visual performance and (iii) the preponderance of inverse directionality (from L1 into L2/ from A into B). We conclude that the training of intermodal translators and interpreters that transit across two modalities needs to address built-in issues regarding the visual-gestural modality, as well as its effects on the language and, consequently, on the processes of translation and interpreting.

KEYWORDS: Interpreting; Modality; Intermodal; Sign Language; Visual-gestural

1. INTRODUÇÃO

As discussões acerca da modalidade das línguas de sinais e de seus efeitos têm se constituído como um aspecto central aos estudos que têm como foco a identificação, a descrição e a compreensão do impacto da modalidade sobre as línguas. Investiga-se de que maneira os modos de produção e de recepção das línguas podem influenciar ou não suas características estruturais. Hoje, essas pesquisas são um campo profícuo para a investigação tanto das restrições e das possibilidades características de cada modalidade de língua quanto para o escrutínio daquelas propriedades que, por não estarem submissas à modalidade, constituem-se como universais linguísticos.

O fato de somente as pesquisas das línguas de sinais poderem evidenciar quais seriam aquelas características e propriedades dependentes ou não da modalidade de língua tem feito com que os Estudos Linguísticos das Línguas de Sinais se apresentem, cada vez mais, como um promissor campo de pesquisas. Nesse sentido, é possível inferir que as afirmações e descobertas que não consideram a modalidade de língua podem, inclusive, estar deixando de vislumbrar elementos centrais do funcionamento da língua, de sua interface, de sua estrutura, de suas propriedades etc.

Nos campos dos Estudos da Tradução e dos Estudos da Interpretação não é diferente. A questão da modalidade de língua tem trazido à tona aspectos singulares aos processos tradutórios e interpretativos intermodais¹. Os efeitos de modalidade na tradução e na interpretação envolvendo línguas gestuais-visuais é uma temática recente que tem instigado diversos teóricos desses campos disciplinares, os quais passaram a incluir em seus programas as pesquisas sobre a tradução e/ou sobre a interpretação de/para línguas de sinais.

Considerando essa importância que os efeitos de modalidade têm logrado no campo da Linguística, apresentaremos sucintamente o tema da diferença de modalidade entre línguas orais e de sinais e, em seguida, faremos uma reflexão sobre as implicações da modalidade gestual-visual para os processos tradutórios e interpretativos, assim como sobre a especificidade que o tema da intermodalidade traz ao campo dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais no que tange à formação de seus profissionais.

¹ Neste texto, utilizamos o termo *intermodal* (entre línguas de duas modalidades distintas) em oposição ao termo *intramodal* (entre línguas de mesma modalidade). Entretanto, existem autores que utilizam os termos *bimodal* em oposição a *unimodal* (NICODEMUS, EMMOREY, 2013; NAPIER, LEESON, 2015) e *bilingue unimodal* em oposição a *bilingue bimodal* (SAWBEY, NICODEMUS, 2011).

2. LÍNGUA E MODALIDADE

A conclusão de que tanto o sinal quanto a fala são veículos para a linguagem é uma das descobertas empíricas mais cruciais das últimas décadas de pesquisa em qualquer área da linguística. Isso é crucial, pois altera nossa própria definição do que é língua. (MEIER, 2004, p. 4, tradução minha).

É evidente que a utilização de uma língua depende de sua expressão por sistemas de produção e de sua percepção por sistemas de recepção. Esses sistemas físicos ou biológicos, por meio dos quais as línguas se realizam, constituem o que entendemos ser a *modalidade*. Nesse sentido, como afirma McBurney,

[...] a modalidade de uma língua pode ser definida como sendo os sistemas físicos ou biológicos de transmissão por meio dos quais a fonética de uma língua se realiza. Existem sistemas diferentes de produção e percepção. Para as línguas orais a produção conta com o sistema vocal e a percepção depende do sistema auditivo. [...] Línguas de sinais, por outro lado, dependem do sistema gestual para a produção e do sistema visual para a percepção. (2004, p. 351, tradução minha).

A produção/articulação das línguas de modalidade vocal-auditiva realiza-se através de um conjunto de órgãos que compõem o aparelho fonador. Na produção da *fala vocal-auditiva* temos a ação ativa ou não de diferentes partes, basicamente internas ao corpo, tais como pulmões, brônquios, traqueia, diafragma, laringe (onde se localizam as pregas vocais), faringe, língua, palatos, fossas nasais, dentes, lábios etc. A articulação das línguas vocais-auditivas, por se realizar de maneira interna ao corpo, é quase totalmente invisível. Durante a fonação, percebemos visivelmente a olho nu apenas os lábios e parte dos dentes e da língua.

Por outro lado, as línguas de sinais realizam-se de maneira externa ao corpo por meio de seu movimento no espaço. O *sinal gestual-visual* envolve a articulação de diferentes partes do corpo, as quais constituem a língua, basicamente a cabeça, o tronco e os braços. Nesse sentido, temos a combinação de diversos movimentos corporais, os quais envolvem: (i) expressões faciais, marcadas por ações dos olhos, sobrancelhas e boca; (ii) movimentos de braços, com destaque para as formas e movimentos das mãos, pulsos e dedos; e (iii) movimentos de tronco e cabeça, dentre outros.

LÍNGUAS ORAIS	LÍNGUAS DE SINAIS
Produção interna ao corpo	Produção externa ao corpo
Articuladores bem menores que os das línguas de sinais	Articuladores muito maiores que os das línguas orais
Articulação praticamente invisível	Articulação visível
Vinculadas diretamente à respiração	Não vinculadas ou pouco vinculadas à respiração
Braços e mãos disponíveis durante a produção da língua	Trato vocal disponível durante a produção da língua
Consolidam-se em sinais acústicos	Consolidam-se em sinais gestuais
Demandam uma largura de banda (<i>bandwidth</i>) menor	Demandam uma largura de banda (<i>bandwidth</i>) maior
Têm como meio basicamente o tempo, sendo unidimensionais	Têm como meio a junção tempo-espaço, sendo multidimensionais
Dependem de recepção auditiva (dependência da propagação de sons)	Dependem de recepção visual (dependência da disponibilidade de luz)
Mais antigas e de longo interesse da Linguística	Mais jovens e de recente interesse da Linguística

QUADRO 01 – Diferenças entre línguas orais e de sinais. **Fonte:** o próprio autor

Podemos afirmar, portanto, que a linguagem, enquanto capacidade humana, manifesta-se por meio da língua em duas modalidades distintas: a *modalidade vocal-auditiva* e a *modalidade gestual-visual*² (STOKOE, 1960; KLIMA, BELLUGI, 1979; BRITO, 1995; MEIER, COMIER, QUINTO-POZOS, 2004; QUADROS, KARNOPP, 2004). Ao contrário do que já se acreditou e defendeu, os sons não são elementos cruciais para o desenvolvimento da linguagem ou para a língua. Dito de outro modo, a linguagem humana não está restrita à *modalidade vocal-auditiva* como acreditavam importantes linguistas, tais como Charles Hockett³ (1960). Enfim, como já apontamos acima, “[...] existem pelo menos duas modalidades de língua, a modalidade vocal-auditiva das línguas orais e a modalidade gestual-visual das línguas de sinais” (MEIER, 2004, p. 1, tradução minha).

² Existem algumas reflexões sobre uma terceira modalidade denominada como gestual-tátil (*tactile gestural modality*), a qual está relacionada ao uso da língua de sinais pelas pessoas surdocegas que dependem de uma sensação tátil. (QUINTO-POZOS, 2004).

³ Charles Hockett apresentou um conjunto de treze características definidoras da linguagem humana. Para ele a primeira dessas características e a mais óbvia, da qual decorrem algumas outras, seria o canal vocal-auditivo. Ver Hockett (1960).

3. EFEITOS DA MODALIDADE DE LÍNGUA

Ao incluirmos as línguas de sinais no programa [de pesquisa] da linguística, a variável da modalidade é inserida e podemos ter a esperança de fazer a distinção entre as propriedades essenciais da língua e os efeitos de modalidade. (COSTELLO, 2015, p. 2).

Se em um primeiro momento os linguistas concentraram seus esforços em identificar e apresentar o que há de comum entre as línguas orais e as de sinais, no intuito de comprovar o *status* linguístico das últimas, atualmente percebemos a ampliação de pesquisas voltadas à diferença intrínseca às línguas de sinais, à sua especificidade em relação às orais e à diferença entre as próprias línguas de sinais, inclusive, no intuito de trazer contribuições do estudo dessas línguas à Linguística.

Atualmente, enquanto alguns estudiosos destacam que a diferença de modalidade entre as línguas orais e as de sinais é um fator central na compreensão dessas línguas, outros reafirmam que as similaridades são mais importantes já que evidenciariam universais linguísticos demonstrando, portanto, que certas propriedades linguísticas estão para além da modalidade de língua. De qualquer maneira, independente do objetivo e do enfoque de cada pesquisador, é fato que o estudo das línguas de sinais tem contribuído significativamente com o aperfeiçoamento e com o avanço da linguística e de suas áreas afins, ao apresentar outro modo de produção e percepção da língua com seus *efeitos e não efeitos*.

O primeiro ponto importante em relação à questão dos efeitos de modalidade é a identificação daqueles aspectos inerentes à linguagem humana que transcendem a modalidade, ou seja, que por não estarem submissos a ela mantêm-se independente da modalidade de língua. Nesse sentido, é possível identificar propriedades, tais como a dualidade ou dupla articulação, a produtividade, o caráter discreto, a estruturação sintática, o funcionamento do processamento linguístico, a lateralização cerebral, o processo de aquisição da linguagem etc. Essas características estão para além da modalidade.

Entendendo que existem qualidades independentes da modalidade e, por sua vez, intrínsecas à linguagem humana, é importante que se conheçam os reais efeitos que a modalidade teria sobre a língua. Ao realizar uma reflexão sobre esses possíveis efeitos da diferença de modalidade, a partir de uma breve revisão de estudos clássicos das línguas de sinais, Quadros explica que

alguns estudos têm se ocupado no sentido de identificar e analisar os efeitos da modalidade da língua na estrutura linguística. As evidências têm sido identificadas como conseqüências das diferenças nos níveis de interface articulatorio-perceptual. Algumas investigações têm ainda levantado algumas hipóteses quanto à [sic] possíveis diferenças no nível da interface conceptual implicando em uma semântica enriquecida em função de propriedades visuais-espaciais. (2006, p. 171-2).

Os efeitos da modalidade estão relacionados diretamente às características fonéticas da língua. Enquanto nas línguas orais os fonemas correspondem às unidades sonoras, nas línguas de sinais eles correspondem às formas das mãos, aos pontos de articulação e aos movimentos, por exemplo. O fato de as línguas de sinais realizarem-se por meio dos movimentos do corpo no espaço (mais especificamente da parte superior do corpo, da cintura para cima), ou seja, de *o corpo constituir-se em língua*, permite que algumas características se destaquem: a simultaneidade, a iconicidade, a sintaxe espacial, a visibilidade necessária do falante, a possibilidade de uso concomitante da modalidade vocal-auditiva, dentre outras.

As propriedades gestuais, espaciais e visuais inerentes às línguas de sinais contribuem para a sinteticidade dessas línguas e oferecem, portanto, a possibilidade de exploração da simultaneidade na produção de sinais e sentenças, de uso estruturado do espaço para as relações sintáticas, de economia pelo não emprego de preposições, conjunções e artigos e de ampliação da densidade dos sinais. De acordo com Hohenberger, Happ e Leuninger, “a possibilidade de codificação simultânea de informação linguística aumenta a densidade de informação dos sinais. Eles podem ser compostos por diversos morfemas realizados ao mesmo tempo”. (2004, p. 138).

Verifica-se, então, que as línguas de sinais possuem especificidades decorrentes da modalidade em sua estruturação fonológica e morfológica, em sua organização sintática que explora o espaço, em seu sistema pronominal e em sua concordância verbal (STOKOE, 1960; KLIMA, BELLUGI, 1979; BRITO, 1995; MEIER, COMIER, QUINTO-POZOS, 2004; QUADROS, KARNOPP, 2004).

4. TRADUÇÃO, INTERPRETAÇÃO E MODALIDADE DE LÍNGUA

Os efeitos de modalidade sobre as línguas de sinais também impactam os processos tradutórios e interpretativos que envolvem essas línguas (PADDEN, 2000; QUADROS, SOUZA, 2008; WURM, 2010; RODRIGUES, 2013; SEGALA, QUADROS, 2015). Embora as características intrínsecas à tradução e à interpretação de línguas orais sejam partilhadas pelos processos tradutórios e interpretativos que envolvem línguas de sinais, esses processos possuem suas especificidades. Ao refletir sobre o incipiente campo dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais, Rodrigues e Beer afirmam que

as línguas de sinais marcam a tradução e a interpretação, assim como o traduzir e o interpretar, com a questão da modalidade gesto-visual. Além disso, a intensificação da presença de tradutores e de intérpretes de sinais em diversas esferas sociais, desde as intrassociais até as internacionais, assim como a ampliação dos pesquisadores interessados em investigar os processos tradutórios e interpretativos de/para/entre línguas de sinais, oferecem diversas contribuições e desafios aos ET [Estudos da Tradução] e aos EI [Estudos da Interpretação] do século XXI. (2015, p. 42).

Considerando a questão da modalidade de língua aplicada à tradução e à interpretação, temos como delinear dois tipos de processos: os *intramodais* e os *intermodais*. Os processos intramodais são aqueles que ocorrem entre línguas de uma mesma modalidade, seja entre duas línguas orais ou entre duas línguas de sinais (Português-Inglês, Francês-Espanhol, ASL-Libras, BSL-LSF etc.).⁴ Já os processos intermodais são aqueles que se realizam entre uma língua oral e outra de sinais (Inglês-ASL, Francês-Libras, LSF-Inglês, Português-Libras etc.), os quais são o foco de nossa reflexão neste texto.

É importante reiterar que os processos tradutórios e interpretativos que envolvem línguas de sinais diferenciam-se daqueles processos que envolvem apenas línguas orais. Essa diferenciação pode ser analisada a partir da perspectiva dos efeitos de modalidade da língua sobre a tradução e sobre a interpretação. Além disso, o *processo interpretativo intermodal*, por diversas razões, é bem mais comum e, conseqüentemente, mais investigado que o *processo tradutório intermodal*.⁵

Primeiramente, temos que levar em conta que as línguas de sinais são jovens, se comparadas às línguas orais, e que, por sua vez, seu reconhecimento e estudo pela Linguística são muito recentes. Como línguas jovens, elas ainda não possuem um sistema de escrita de uso efetivo e com significativa circulação social⁶. Outro aspecto importante é o fato de que a necessidade de inclusão das

⁴ ASL – *American Sign Language* (Língua de Sinais Americana); BSL – *British Sign Language* (Língua de Sinais Britânica); Libras – Língua Brasileira de Sinais; LSF – *Langue des Signes Française* (Língua de Sinais Francesa).

⁵ Consideramos a diferenciação entre tradução, propriamente dita, e interpretação. De modo geral, a tradução envolve a manipulação de textos escritos, devidamente registrados, por meio de um processo que se realiza sem o contato direto com o público, permitindo que o tradutor siga seu próprio ritmo, use apoio externo, faça a revisão antes do conhecimento do público e, portanto, possa apresentar um produto registrado, burilado e duradouro. Já a interpretação abrange o trabalho com textos orais, em seu fluxo de produção, por meio de um processo imediato que se realiza em contato com o público, não permitindo que o intérprete interrompa o processo para recorrer a apoios externos, já que deve seguir o ritmo do autor do texto. O produto do trabalho é efêmero, já que não é automaticamente registrado, e não pode ser revisado antes do conhecimento do público.

⁶ Temos alguns sistemas de escrita propostos, tais como o ELiS – Escrita das Línguas de Sinais (para mais informações: <<http://elislibras.wix.com/home>>, acesso em 12 jun.

peças surdas por meio de seu acesso aos bens e serviços sociais básicos, por exemplo, fez com que a interpretação se destacasse como essencial e prioritária, ganhando assim grande visibilidade.

Esses fatos, unidos à questão da modalidade gestual-visual, fizeram com que os processos tradutórios intermodais para a língua de sinais, dependentes da *performance corporal* do tradutor registrada em vídeo, se tornassem um fenômeno bem mais recente que a interpretação intermodal, que pode ser realizada sem apoio de nenhum recurso tecnológico⁷. Assim, como apontou Wurm, é possível verificar que “devido à possibilidade de se trabalhar com TFs [textos fonte] registrados e de se gravar e regravar os TAs [textos alvo] com tempo potencialmente ilimitado e sem os participantes primários, a noção de tradução de língua de sinais vem ganhando destaque” (2010, p. 20, tradução minha).

Hoje, com os avanços tecnológicos e o fácil acesso aos recursos de registro, edição e veiculação de materiais em vídeo, as traduções para a língua de sinais têm crescido bastante, bem como a circulação de materiais originalmente produzidos em língua de sinais com legenda e/ou dublagem em língua oral. De acordo com Napier e Leeson,

a tradução de língua de sinais proporciona oportunidades para que os intérpretes surdos e ouvintes trabalhem e as práticas emergentes incluem traduções de conteúdos de *site*, instrumentos de avaliação educacional, ferramentas de avaliação psiquiátrica, folhetos informativos, relatórios de conferências e livros infantis”. (2015, p. 380, tradução minha).

É importante destacar que a tradução de línguas de sinais pode envolver a escrita, mas o que tem sido mais comum é o registro em vídeo do *corpo do tradutor como língua*. Isso faz com que os tradutores intermodais surdos e ouvintes, que têm seu texto alvo em língua de sinais, sejam sempre *visíveis ao seu público* e que, muitas vezes, sejam vistos como o único autor do texto. Além disso, no processo de interpretação intermodal que tem como texto alvo a língua de sinais ocorre o mesmo, já que os intérpretes de sinais precisam *estar visíveis diante do público*.

A interpretação intermodal que tem como língua alvo a língua de sinais será o foco de nossa reflexão a seguir. Contudo, é indispensável reconhecer que no caso da interpretação intermodal da língua de sinais para a língua oral também

2017), o *SingWriting* (para mais informações: <<http://www.signwriting.org/>>, acesso em 12 jun. 2017), o SEL – Sistema de Escrita para Línguas de Sinais (para mais informações: <<http://sel-libras.blogspot.com.es/>>, acesso em 12 jun. 2017) e o SEA – Sistema de Escritura Alfabética de la Lengua de Signos Española (para mais informações: <<https://goo.gl/x7NxD>>, acesso em 12 jun. 2017).

⁷ Estamos apenas assinalando uma possibilidade, pois reconhecemos a importância da tecnologia para a realização da interpretação de/para/entre línguas de sinais, já que recursos, tais como iluminação, cabinas de interpretação simultânea e equipamentos de som, áudio e vídeo, podem ser indispensáveis em determinadas situações.

teremos efeitos de modalidade, os quais podem se distinguir dos demais efeitos por terem o texto alvo em língua oral falada.

5. A MODALIDADE NA INTERPRETAÇÃO PARA A LÍNGUA DE SINAIS

[...] eu analiso a interpretação simultânea de língua de sinais com foco em duas dimensões: interpretação entre línguas de distintas modalidades e interpretação entre duas diferentes línguas. Como discuto, há uma interação entre ambas: algumas vezes, a tarefa é orientada pela modalidade e, outras vezes, pela estrutura. Quando os intérpretes de língua de sinais interpretam, essas duas dimensões se unem de maneiras interessantes e [...] oferecem meios para se compreender a interpretação simultânea entre línguas orais. (PADDEEN, 2000, p. 170).

Nesta parte, nosso foco restringe-se à interpretação simultânea intermodal da língua oral para a de sinais (i.e. o processo de sinalização), mais especificamente a três temas referentes aos possíveis efeitos de modalidade: (i) a possibilidade da sobreposição de línguas durante o processo interpretativo (*code-blending*); (ii) a *performance* corporal-visual requerida do profissional na interpretação da língua oral para a de sinais; e (iii) a preponderância da atuação dos intérpretes na direcionalidade inversa, ou seja, na interpretação da língua oral (L1) para a de sinais (L2).

Entendemos, assim como diversos teóricos, que a interpretação corresponde a uma forma de tradução oral humana realizada em um contexto comunicativo compartilhado com pouca ou nenhuma possibilidade de uso de apoio externo. Portanto, o processo interpretativo é “uma forma de Tradução em que a versão inicial e final em outra língua é produzida com base no tempo de oferecimento de um enunciado na língua fonte” (PÖCHHACKER, 2004, p. 11, grifos do autor).

Em seu modo simultâneo, a interpretação caracteriza-se pela percepção da fala ou da sinalização na língua fonte simultaneamente à produção da fala ou da sinalização na língua alvo, sendo que há, muitas vezes, a premência de se iniciar o processo interpretativo antes de o enunciado na língua fonte estar completo. Considerando isso, definimos a *interpretação simultânea intermodal* como a realização, sob pressão de tempo, da translação da enunciação de um discurso de uma língua para outra e de uma modalidade para outra, sendo que o texto alvo deve ser oferecido obrigatória e imediatamente em sua versão final, ou seja, em sua primeira e única produção, segundo o tempo de oferecimento do texto fonte.

5.1. Sobreposição de línguas

Um das primeiras questões que se destacam, ao abordamos a interpretação intermodal, é a possibilidade de uso concomitante de duas línguas: uma vocal-auditiva (usando a fala e a audição) e outra gestual-visual (usando os sinais e a visão). Na interpretação intramodal, entre duas línguas de sinais ou entre duas línguas orais, não existe a possibilidade de uso concomitante das duas línguas, já que os articuladores dessas línguas seriam os mesmos. Assim, a alternância de códigos (*code-switching*) seria a única possibilidade durante o processo interpretativo numa mesma modalidade de língua.

Além da possibilidade da alternância de códigos, os intérpretes intermodais, assim como os demais bilíngues bimodais, podem realizar a sobreposição de códigos (*code-blending*) por meio da coprodução de sinais e fala (QUADROS, SOUZA, 2008; METZGER, QUADROS, 2012; RODRIGUES, 2013; QUADROS, LILLO-MARTIN, PICHLER, 2014). Um efeito decorrente disso é o fato de que os intérpretes intermodais precisam administrar essa possibilidade, o que exige deles um controle executivo que pode ser considerado, em parte, distinto daquele demandado aos intérpretes intramodais, já que precisam dispendir esforço cognitivo para inibir a língua que não é alvo de sua expressão. Há, por sua vez, a possibilidade de fusão de elementos linguísticos por meio da pronúncia de palavras durante a sinalização, fato que pode ser considerado como um efeito de modalidade de língua sobre a interpretação intermodal para a língua de sinais.

Ao investigar o uso de *mouthings*⁸ na interpretação simultânea intermodal da língua oral para a língua de sinais, Rodrigues e Medeiros (2016) demonstram que a possibilidade de articulação oral de palavras junto aos sinais é usada como uma estratégia pelos tradutores e pelos intérpretes intermodais com o intuito de desambiguar os sinais – especificando o significado pretendido – ou de ampliar as informações disponíveis ao público surdo – complementando o significado atribuído ao sinal.

Observa-se que a possibilidade de sobreposição (*code-blending*) evidencia certa influência sobre o monitoramento da interpretação intermodal no que diz respeito ao controle do uso ou não da articulação de palavras (*mouthings*) durante a interpretação para a língua de sinais, já que esse uso pode ou não se configurar como uma estratégia tradutória que altera o texto alvo com vistas à sua melhor compreensão por parte do público que possui certo conhecimento da língua fonte. Nesse sentido, no uso da pronúncia de palavras como estratégia, o público

⁸ É importante entender a diferença básica entre *mouthings* e *mouth gestures*. Os *mouthings* são aqueles movimentos da boca, presentes nas línguas de sinais, que são derivados da pronúncia das línguas orais, um tipo de palavra visual e os *mouth gestures* movimentos próprios da boca, componentes orais presentes nas línguas de sinais, que não possuem correspondência direta com a pronúncia das línguas orais, e que são um tipo de gesto idiomático inerente às línguas de sinais, morfemas boca (BOYES BRAEM, SUTTON-SPENCE, 2001; RODRIGUES, MEDEIROS, 2016).

poderia se valer do movimento visível da boca e, portanto, maximizaria seu entendimento da interpretação e, em alguns casos, dispenderia um menor esforço.

Entretanto, vale mencionar que o uso indiscriminado da pronúncia pode comprometer a interpretação e, assim, prejudicar sua compreensão. Observa-se, durante a interpretação simultânea intermodal para a língua de sinais, que, em algumas situações, os intérpretes empregam junto à pronúncia certos “Sistemas Sinalizados” resultantes da mescla de língua de sinais com língua oral. Essas formas sinalizadas submetem as línguas de sinais à estrutura das orais criando sentenças, muitas vezes, agramaticais e incompreensíveis a partir da língua de sinais. Assim, quando citamos os *mouthings* não estamos nos referindo ao uso desses Sistemas Sinalizados (como é o caso do Português Sinalizado ou do *Signed English*).

De qualquer modo, existem situações em que o público surdo pode solicitar ao intérprete intermodal que realize a *transliteração*⁹ para a língua de sinais e não a interpretação, propriamente dita. Nessas situações, os profissionais empregam esses Sistemas Sinalizados e exploram o *mouthing* e a datilologia, oferecendo as palavras visualmente na estrutura da língua oral por meio da transcodificação.

5.2. Performance corporal-visual

As línguas de sinais exigem que seus falantes dominem bem os *movimentos do corpo no espaço*. Entretanto, para falantes nativos de línguas orais, a aquisição e o desenvolvimento de habilidades linguísticas gestuais requeridas pela *performance corporal-visual* das línguas de sinais é algo marcado por uma modalidade de língua distinta daquela com a qual estão habituados. Ressaltamos que os intérpretes que traduzem de uma língua vocal-auditiva para outra gestual-visual recebem o discurso em uma modalidade e o oferecem em outra, exigindo que sejam habilidosos em lidar não somente com as diferenças entre as duas línguas, mas com as singularidades de cada modalidade.

Um elemento importante a ser considerado é que as línguas de sinais, se comparadas às orais, possuem uma baixa taxa de produção, a qual é compensada pela simultaneidade e pelos múltiplos usos do espaço, os quais contribuem com o aumento da densidade de informações dos sinais – seu enriquecimento – mantendo uma taxa de produção de proposições equivalente a das línguas orais (KLIMA, BELLUGI, 1979; HOHENBERGER, HAPP, LEUNINGER, 2004; COSTELLO, 2015). Nas palavras de Padden,

⁹ “Na interpretação de língua de sinais há a dimensão adicional da transliteração em que o intérprete trabalha entre uma língua oral e uma forma de língua sinalizada chamada de sinais de contato – a qual incorpora características da língua oral e da de sinais podendo incluir fenômenos como o decalque, a datilologia e *omouthing*”. (MALCOLM, 2015, p. 423).

um intérprete hábil incorpora dimensões espaciais ao conteúdo da língua oral por ser isto mais significativo para os sinalizadores e porque há a oportunidade de usar sinais mais densamente enriquecidos durante a tradução [...] Intérpretes de língua de sinais podem incorporar mais detalhes sob um risco menor de ficarem para trás na interpretação. (2000, p. 180, tradução minha).

O fato de o corpo apresentar-se como língua contribui significativamente para a simultaneidade, para a iconicidade e para o uso estruturado do espaço. A *performance corporal-visual* permite que os sinalizadores incorporem ou representem ações de seus referentes e que elementos gestuais especifiquem tipo, tamanho e forma de objetos, por exemplo. Em adição, a exploração sistematizada do espaço favorece a localização de referentes, a marcação da concordância e o uso de classificadores¹⁰, dentre outros.

Outro aspecto atrelado à necessidade de os intérpretes intermodais *estarem visíveis diante do público* é a aparência do profissional. Embora a apresentação visual adequada ao serviço prestado seja uma exigência para todos os profissionais, para os intérpretes de sinais existem, muitas vezes, certas ressalvas impostas ao seu vestuário (formatos, estampas, contrastes com a pele etc.), aos acessórios (cores, tamanhos, descrição etc.) e, até mesmo, às maquiagens, aos penteados e ao tamanho e cores das unhas, já que o corpo constitui língua.

5.3. Direcionalidade inversa

Conforme destacam Nicodemus e Emmorey (2013), um ponto que merece atenção na interpretação para a língua de sinais é o fato de que, ao contrário do que comumente ocorre com os intérpretes de línguas orais, os intérpretes de sinais, na maioria dos casos, interpretam de sua primeira língua (L1) para sua segunda (L2). Esse fato exige desses profissionais um significativo esforço cognitivo para que, diante da sobrecarga inerente à interpretação simultânea, eles mantenham uma *performance corporal-visual* capaz de explorar os elementos característicos das línguas de modalidade gestual-visual na construção de seu texto alvo (PADDEEN, 2000; NICODEMUS, EMMOREY, 2013; RODRIGUES, 2013; LOURENÇO, 2015). Segundo Rodrigues,

¹⁰ “Os classificadores têm distintas propriedades morfológicas, são formas complexas em que a configuração de mão, o movimento e a locação da mão podem especificar qualidades de um referente. Classificadores são geralmente usados para especificar o movimento e a posição de objetos e pessoas ou para descrever o tamanho e a forma de objetos” (QUADROS, KARNOPP, 2004, p. 93).

a diferença na taxa de produção de palavras e sinais, a linearidade preponderante das línguas orais em oposição à simultaneidade característica das línguas de sinais, dentre outras diferenças intrínsecas à modalidade, impactam diretamente a direcionalidade da tradução ou da interpretação, principalmente, quando a interpretação é simultânea. (RODRIGUES, 2013, p. 96).

É interessante entendermos que um conjunto de fatores linguísticos e extralinguísticos relaciona-se à direcionalidade do processo interpretativo intermodal. Questões históricas e sociais fizeram com que a interpretação da língua oral para a de sinais fosse mais demandada e, portanto, se tornasse mais comum. Devido a isso, muitos intérpretes intermodais, principalmente os novatos, preferem interpretar de sua L1 (primeira língua, língua oral, língua A) para sua L2 (segunda língua, língua de sinais, língua B) (NICODEMUS, EMMOREY, 2013; PADDEN, 2000; RODRIGUES, 2013).

Ao problematizar as razões que levariam os intérpretes intermodais (bimodais) a preferirem interpretar da língua oral (L1) para a de sinais (L2), contrariando a preferência dos intérpretes intramodais vocais-auditivos (unimodais), Nicodemus e Emmorey (2013) citam e discutem diversas possibilidades. Para as autoras, de modo geral, essa preferência relaciona-se:

- (i) ao fato de as habilidades de produção em sinais dos intérpretes intermodais serem melhores que suas habilidades de compressão da língua de sinais;
- (ii) à ênfase dada, durante seu processo de formação, à interpretação da língua oral para a de sinais (L1 para L2);
- (iii) à maior demanda social pela interpretação para a língua de sinais;
- (iv) ao fato de os intérpretes intermodais possuírem mais experiência e prática na interpretação intermodal da língua oral para a de sinais (sinalização);
- (v) à possibilidade de utilizarem algumas ferramentas específicas da interpretação para a língua de sinais, tais como a datilologia ou um Sistema Sinalizado da Língua Oral (certa transliteração, correspondente ao uso do Português Sinalizado ou do *Sign English* na interpretação, por exemplo);
- (vi) à grande variação linguística existente entre a comunidade surda sinalizadora;
- (vii) à menor possibilidade de se detectar os erros na produção em língua de sinais, já que como sinalizador, o intérprete não se vê.

Percebemos que haveria certa vantagem na interpretação simultânea para a língua de sinais, já que os intérpretes podem se valer de determinados recursos,

tais como o mouthing, a datilologia e o decalque, ou seja, podem, muitas vezes, optar pela transliteração, ao invés de realizar uma interpretação propriamente dita.

Em relação aos aspectos linguísticos e aos efeitos de modalidade, é possível inferir, portanto, que a interpretação simultânea da língua de sinais para a língua oral (i.e. o processo de vocalização) demanda dos intérpretes intermodais um significativo esforço cognitivo e, inclusive, habilidades específicas para “unidimensionalizar/linearizar informações multidimensionais/simultâneas”. Assim, o fato de os sinais serem enriquecidos com informações gramaticais ou incorporarem as qualidades de um referente – especificando movimento ou posição de pessoas e objetos ou, até mesmo, descrevendo tamanho e forma – pode demandar um tempo maior do que o intérprete dispõe para a sua tradução em língua oral, além de o intérprete ter que selecionar quais as informações visuais, inerentes à modalidade, são ou não relevantes para o seu texto alvo em língua oral (NAPIER, LEESON, 2015; PADDEN, 2000).

Não podemos deixar de mencionar que a complexidade de construções em língua de sinais e sua exploração sistematizada do espaço, por meio do uso de classificadores e da incorporação e localização de referentes, por exemplo, precisam, muitas vezes, ser descritas e explicadas e que o uso de formas agramaticais ou imprecisas nas línguas orais não são bem aceitas pelo público ouvinte. Todo esse conjunto de fatores seria responsável pela preponderância da direcionalidade inversa em meio aos intérpretes intermodais e motivaria, portanto, a sua preferência em trabalhar de sua primeira língua para a segunda, de A para a B.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de os efeitos de modalidade sobre os processos tradutórios e interpretativos, a tradução e a interpretação intermodal e intramodal gestual-visual possuem, em linhas gerais, os mesmos aspectos que caracterizam e definem os processos intramodais vocais-auditivos, já que todos eles se constituem como interlinguísticos. Todavia, o fato de os tradutores e os intérpretes de língua de sinais terem que lidar com a modalidade – aspectos gestuais, visuais e espaciais – traz implicações operacionais e, por sua vez, certa carga cognitiva sobre sua atividade profissional, inclusive na realização da interpretação simultânea.

Com base nas reflexões aqui realizadas, podemos afirmar que transitar entre duas línguas de diferentes modalidades desafia os tradutores e os intérpretes intermodais e exige deles habilidades para lidar com as especificidades inerentes a cada modalidade de língua. Nesse sentido, um novo elemento passa a constituir a competência tradutória desses profissionais: os conhecimentos e as habilidades para lidar com diferentes modalidades e transitar entre elas. Portanto, a formação desses profissionais precisa abordar a questão da modalidade gestual-visual e de seus efeitos sobre a língua e, conseqüentemente, sobre os processos tradutórios e interpretativos, contribuindo para a realização de uma tradução/interpretação

consciente e meta-cognitiva, capaz de orientar as tomadas de decisão e o uso profícuo de estratégias tradutórias e interpretativas na transferência de aspectos intrínsecos à modalidade.

Por fim, vale destacar que o processo tradutório intermodal possui características distintas do processo interpretativo intermodal, as quais precisam ser mais bem conhecidas e investigadas. Some a isso, o fato de que a tradução e a interpretação intramodais gestuais-visuais também possuem suas especificidades. Assim, os processos formativos devem considerar a modalidade de língua e as diferenças dos processos tradutórios e interpretativos que envolvem línguas de sinais com o objetivo de fomentar uma proveitosa reflexão sobre os impactos operacionais e cognitivos da atuação intramodal gestual-visual e intermodal, levando-se em conta a direcionalidade do processo.

REFERÊNCIAS

BOYES BRAEM, P.; SUTTON-SPENCE, R. (Org.). *The Hands are the Head of the Mouth. The Mouth as Articulator in Sign Languages*. Hamburg, Alemanha: Signum-Verlag, 2001.

BRITO, L. F. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

COSTELLO, B. D. N. *Language and modality: Effects of the use of space in the agreement system of Lengua de Signos Española (Spanish Sign Language)*. 393f. Tese de Doutorado. University of Amsterdam and University of the Basque Country. 2015. Disponível em: <https://pure.uva.nl/ws/files/2569681/168517_Brendan_Costello_thesis_complete.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2016.

HOCKETT, C. The origin of speech. *Scientific American*, 203, 1960, p. 88-9.

HOHENBERGER, A.; HAPP, D.; LEUNINGER, H. Modality-dependent aspects of sign language production: evidence from slips of the hands and their repairs in German Sign Language. In: MEIER, R. P; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. *Modality and structure in signed and spoken languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 112-142.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. *The Signs of Language*. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

LOURENÇO, G. Investigando a produção de construções de interface sintático-gestual na interpretação simultânea intermodal. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 319-353, out. 2015. Acesso em: 27 mai. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p319/30774>>.

MALCOLM, K. "Transliteration". In: PÖCHHACKER, F. (Ed.), *Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies*. New York: Routledge, 2015, p. 423.

MCBURNEY, S. L. "Pronominal reference in signed and spoken language: are grammatical categories modality-dependent?" In: MEIER, R. P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. *Modality and structure in signed and spoken languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 329-369.

MEIER, R. P. "Why different, why the same? explaining effects and non-effects of modality upon linguistic structure in sign and speech". In: MEIER, R. P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. *Modality and structure in signed and spoken languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 1-25.

MEIER, R. P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. *Modality and structure in signed and spoken languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

METZGER, M.; QUADROS, R. M. "Cognitive Control in Intermodal Bilingual Interpreters". In: QUADROS, R. M.; FLEETWOOD, E.; METZGER, M. *Signed Language Interpreting in Brazil*. Washington D.C.: Gallaudet University Press, 2012, p. 43-56.

NAPIER, J., LEESON, L. "Signed Language Interpreting". In: PÖCHHACKER, F. (Ed.), *Routledge Encyclopedia of Interpreting Studies*. New York: Routledge, 2015, p. 376-381.

NICODEMUS, B.; EMMOREY, K. Direction asymmetries in spoken and signed language interpreting. *Bilingualism: Language and Cognition*, 16 (3), 2013, p. 624-636. Disponível em: <<http://v12.gallaudet.edu/research/center-papers/nicodemus-emmorey-2013/>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

PADDEN, C. A. Simultaneous Interpreting across modalities. *Interpreting*. n. 5, v. 2, 2000/01, p. 169-185.

PÖCHHACKER, F. *Introducing interpreting studies*. London: Routledge, 2004.

QUADROS, R. M. Efeitos de Modalidade de Língua: as Línguas de Sinais. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 168-178, jun. 2006. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/801>>. Acesso em: 15 dez. 2016.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

QUADROS, R. M.; LILLO-MARTIN, D.; PICHLER, D. C. Sobreposição no desenvolvimento bilíngue bimodal. *RBLA*, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 799-834, 2014, Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v14n4/v14n4a03.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2017.

QUADROS, R. M.; SOUZA, S. X. Aspectos da tradução/ encenação na língua de sinais brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras. In: QUADROS, R. M. (Org.). *Estudos Surdos III*. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008, v. III, p. 170-209.

QUINTO-POZOS, D. Deictic points in the visual-gestural and tactile-gestural modalities. In: MEIER, R. P; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. *Modality and structure in signed and spoken languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 442-468.

RODRIGUES, C. H. *A interpretação para a Língua de Sinais Brasileira: efeitos de modalidade e processos inferenciais*. 243f. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2013. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MGSS-9CXQ8L/rodrigues_2013_tese_poslin.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 mar. 2014.

RODRIGUES, C. H.; BEER, H. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente?. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 17-45, out. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p17>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

RODRIGUES, C. H.; MEDEIROS, D. V. “O uso de *mouthing* na interpretação simultânea para a Língua Brasileira de Sinais”. In: *V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira*, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p. 1-15. Disponível em: <<http://www.congressotils.com.br/anais/2016/3604.pdf>>. Acesso em: 10 de abr. 2017.

SEGALA, R. R.; QUADROS, R. M. Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em Português para a Libras oral. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 354-386, out. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p354>>. Acesso em: 13 out. 2016.

STOKOE, W. C. Sign language structure: An outline of the communication systems of the American deaf. *Studies in Linguistics*, Occasional Papers, 8. Silver Spring, MD: Linstok Press, 1960.

SWABEY, L.; NICODEMUS, B. Bimodal bilingual interpreting in the U.S. healthcare system: A critical linguistic activity in need of investigation. In: NICODEMUS, B., SWABEY, L., (Eds.). *Advances in interpreting research: Inquiry in action*. Amsterdam: John Benjamins, 2011, p. 241-259.

WURM, S. *Translation across Modalities: The Practice of Translating Written Text into Recorded Signed Language. An Ethnographic Case Study*. 255f. Tese de Doutorado (Doutorado em Filosofia) Heriot-Watt University, Department of

Languages and Intercultural Studies. 2010. Disponível em: <http://www.ros.hw.ac.uk/bitstream/handle/10399/2407/WurmS_1010_sml.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 mai. 2015.

Carlos Henrique Rodrigues
Carlos.Rodrigues@ufsc.br

Recebido em: 9/9/2017

Aceito em: 8/2/2018

Publicado em Abril de 2018